

Sobre Campero, Agustín. *Nuevo Cine Argentino: De Rapado a Historias Extraordinarias*. Buenos Aires, Universidad Nacional de General Sarmiento/ Biblioteca Nacional, 2009, Colección “25 años, 25 libros”.

Natalia Christofolletti Barrenha¹

25 anos depois das grandes mudanças ocorridas na Argentina no ano de 1983, a Universidad Nacional de General Sarmiento, junto à Biblioteca Nacional, procura revisar esse período de transição e crescimento através de uma coleção



de pequenos livros que abordam diversos aspectos da política, economia, sociedade e cultura do país. No número 21, Agustín Campero, ensaísta, crítico de cinema e Secretário de Pesquisa da Universidad Nacional de General Sarmiento, é o responsável por descrever os caminhos e inovações do Nuevo Cine Argentino entre meados dos anos 1990 até os dias de hoje, período de florescimento da sétima arte na Argentina após a crise que o colapso econômico do início década de 1990 impôs à produção de filmes no país.

O autor faz um passeio pessoal pelo Nuevo Cine Argentino, e assume não pretender ser objetivo e sim parcial, expondo suas preferências e defendendo suas opiniões, o que resulta em um diferencial com relação aos outros numerosos livros que tratam do assunto. A abordagem de Campero permite uma aproximação maior e mais verdadeira do período, revelando com sinceridade as dificuldades, defeitos e problemas do NCA e do INCAA (Instituto Nacional de Cine y Artes Audiovisuales) para além das usuais exaltações com essa cinematografia e com a política que a regeu. Prova da liberdade com a qual o autor leva o relato é a

sugestão do livro *Otros mundos*, de Gonzalo Aguilar, que Campero descreve como o melhor livro sobre NCA.

Iniciando-se com a resposta à pergunta “O que é o NCA?”, o autor descreve as condições que propiciaram o (re)nascimento do cinema no país com uma “nova onda” que ia além da reativação das produções (que praticamente chegaram a zero entre o fim dos anos 1980 e início dos 1990) devido ao surgimento de jovens diretores, novas ideias estéticas e temáticas, e um frescor que colocou em destaque a cinematografia argentina no mundo todo através de grandes festivais e sucesso de crítica e de público. Após essa introdução, parte-se para um apanhado histórico de todo o cinema no país desde os seus primórdios, passando pela *Edad de Oro* da década de 1930, pela crise dos negativos no fim dos anos 1940, pelo *underground* dos 1960 e pelas mordanças da ditadura na década de 1970, até sua ascensão e queda repentinas nos anos 1980. Esse itinerário é interessante ao fornecer um panorama geral de toda a história do cinema argentino, com seus diretores e vertentes, enriquecendo a análise do período posterior que é o centro do livro, e orientando os leitores iniciantes no assunto.

Descrevendo a primeira cena de *Rapado* (Martín Rejtman, 1992), estopim do NCA, Campero demonstra como fará todo o seu percurso: pelos filmes e suas particularidades e características através dos anos. A finalidade do livro é expor mais historicamente a trajetória do NCA, sem se aprofundar em questões estéticas, mas sempre as citando, assim como dando ênfase às mudanças e inovações que cada película trazia. Detendo-se mais ou menos em um diretor ou outro, em um filme ou outro, o autor para seu roteiro no ano de 2001 para destacar a importância do BAFICI (Buenos Aires Festival Internacional de Cine Independiente) para o NCA, seguindo com inúmeras páginas dedicadas a dois dos maiores diretores que surgiram nesse período: Lucrecia Martel e Lisandro Alonso. Além disso, cita os cineastas veteranos Juan José Campanella e Carlos Sorín, que em meio às turbulentas novidades do NCA continuavam com seus filmes recheados de amenidades e moralismo – e ainda assim campeões de bilheteria. A presença de uma nova crítica como grande aliada do NCA, que é geralmente

deixada de lado quando se trata do assunto, também ganha espaço no livro de Campero.

O autor continua expondo uma outra vertente do NCA: os “não-realistas”, que incluem Ezequiel Acuña, Juan Villegas, Diego Lerman e Martín Rejtman, os quais (resumidamente) se diferenciam da vertente chamada “realista” (Lisandro Alonso, Pablo Trapero, Lucrecia Martel, Daniel Burmán, entre outros) por uma *mise en scène* mais rígida, que não dá muito espaço ao inesperado.

O próximo capítulo é dedicado aos documentários, e se inicia com uma descrição dos avanços do “gênero” nos últimos 20 anos e a explicação da diluição de suas fronteiras com o ficcional. Campero destaca a mirada que os documentários do NCA dão ao passado argentino, coisa que não ocorre nas ficções.

Voltando a caminhar através dos anos, Campero descreve o marasmo que acometeu o cinema no biênio 2005/2006: o INCAA apoiou apenas filmes grandes e ruins, a originalidade se esgotou e a repetição de temas, estilos e formas tomaram conta do NCA. Mesmo assim, ele ressalta algumas surpresas do período, e chega em 2008 com a euforia de uma recuperação da qualidade de muitas películas, citando as produções deste ano como algumas das melhores de todo o NCA: entre elas, *Historias Extraordinárias* (Gabriel Medina e Mariano Llinás), com a qual conclui o livro com grande entusiasmo, ligando-a a *Rapado* por meio da característica que, para ele, é a principal do NCA: a resistência, em diversas direções.

¹ Graduada em Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo) pela UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/Bauru e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Múltiplos Meios na UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, onde desenvolve a pesquisa *O som na estética cinematográfica de Lucrecia Martel: Os elementos sonoros como componentes da narrativa nos filmes O pântano, A menina santa e A mulher sem cabeça*, com orientação do Prof. Dr. Fernando Passos e apoio da CAPES/CNPq. Colaboradora da *Juliette Revista de Cinema*. E-mail: nataliacbarrenha@gmail.com. Telefones: 55-19-32893081/55-19-97677184. Endereço: Rua Virgílio Dalbem, 374, Santa Genebra II/Barão Geraldo. CEP: 13084-779. Campinas/SP (Brasil).